LIVRO 2 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

A GRANDE CAÇADA

"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN DIFUNDIU."

The New York Times

intrínseca

ROBERT JORDAN

A GRANDE CAÇADA

LIVRO 2 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
FÁBIO FERNANDES
E JULIA HENRIQUES

intrínseca

Copyright © 1990 by Robert Jordan
Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associated Inc.
"The Wheel of Time®", "The Dragon Reborn™"e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan

TÍTULO ORIGINAL
The Great Hunt

EDIÇÃO
Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Shirley Lima
Marcela de Oliveira

REVISÃO TÉCNICA
Rafael Meyer

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

CAPA
Júlio Moreira

IMAGEM PÁGS. 2 E 3
© Rachel Gilmore/freeimages.com

MAPA
Ellisa Mitchell

ADAPTAÇÃO DO MAPA
ô de casa

ILUSTRAÇÕES INTERNAS
Matthew C. Nielsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69g

Jordan, Robert, 1948-2007
A Grande Caçada / Robert Jordan; tradução Fábio Fernandes, Julia Henriques. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

704p. ; 23 cm (A Roda do Tempo ; 2)
Tradução de: The Great Hunt
ISBN 978-85-8057-515-6

1. Ficção americana. I. Fernandes, Fábio. II. Henriques, Julia. III. Título. IV. Série.

14-10573.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2014]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Este livro é dedicado a Lucinda Culpin, Al Dempsey, Tom Doherty, Susan England, Dick Gallen, Cathy Grooms, Marisa Grooms, Wilson e Janet Grooms, John Jarrold, aos Johnson City Boys (Mike Leslie, Kenneth Loveless, James D. Lund, Paul R. Robinson), Karl Lundgren, William McDougal, ao pessoal de Montana (Eldon Carter, Ray Grenfell, Ken Miller, Rod Moore, Dick Schmidt, Ray Sessions, Ed Wildey, Mike Wildey e Sherman Williams), Charlie Moore, Louisa Cheves Popham Raoul, Ted e Sydney Rigney, Robert A. T. Scott, Bryan e Sharon Webb, e Heather Wood.

Eles me ajudaram quando Deus caminhou sobre as águas e o verdadeiro Olho do Mundo passou pela minha casa.

— Robert Jordan
Charleston, Carolina do Sul
Fevereiro de 1990

SUMÁRIO

Prólogo Na Sombra 9

Mapa 24
1 A Chama de Tar Valon 27
2 As Boas-Vindas 38
3 Amigos e Inimigos 50
4 A Convocação 71
5 A Sombra em Shienar 87
6 A Profecia das Trevas 106
7 Sangue Chama Sangue 125
8 O Dragão Renascido 143
9 Partidas 166
10 A Caçada Começa 187
11 Vislumbres do Padrão 209
12 Tecido no Padrão 221
13 De Pedra em Pedra 235
14 Irmão de Lobos 243
15 Fratricida 252
16 No Espelho da Escuridão 264
17 Escolhas 280
18 Rumo à Torre Branca 288
19 Sob a Adaga 300
20 *Saidin* 314
21 Os Nove Anéis 321
22 Vigias 333

23 O Teste 347
24 Novos Amigos e Velhos Inimigos 367
25 Cairhien 379
26 Discórdia 391
27 A Sombra na Noite 404
28 Uma Nova Trama no Padrão 417
29 Seanchan 425
30 *Daes Dae'mar* 443
31 No Rastro 455
32 Palavras Perigosas 467
33 Uma Mensagem Das Trevas 478
34 A Roda Tece 493
35 Pouso Tsofu 508
36 Entre os Anciãos 520
37 O Que Poderia Ser 530
38 Treinamento 543
39 A Fuga da Torre Branca 556
40 *Damane* 569
41 Divergências 586
42 Falme 595
43 Um Plano 606
44 Cinco Avançam Cavalgando 615
45 Mestre Espadachim 625
46 Sair da Sombra 646
47 O Túmulo Não é Limite Para o Meu Chamado 660
48 Primeira Reivindicação 671
49 O Que Deveria Ser 676
50 Depois 683

Glossário 685

Prólogo

Na Sombra

O homem que chamava a si mesmo de Bors, pelo menos naquele lugar, fez uma careta de desprezo ante o murmúrio que percorria o aposento de teto abobadado, um som semelhante ao grasnar suave de gansos. A expressão desdenhosa, porém, estava oculta pela máscara de seda negra que cobria seu rosto, idêntica às que cobriam cem outros rostos naquela câmara. Havia uma centena de máscaras negras, e uma centena de pares de olhos tentando ver o que se escondia atrás delas.

Sem olhar com atenção, era possível pensar que o imenso salão pertencia a um palácio, com grandes lareiras de mármore e lustres dourados pendendo das cúpulas do teto, tapeçarias coloridas e um piso de mosaicos com padrões intrincados. Mas apenas se a pessoa não olhasse com atenção. Para começar, as lareiras estavam frias: chamas dançavam sobre troncos da grossura da perna de um homem, mas não emitiam calor. As paredes por trás das tapeçarias e o teto lá no alto, bem acima dos lustres, eram de pedra nua, quase preta. Não havia janelas, apenas duas portas, uma de cada lado do salão. Era como se alguém tivesse tentado dar a impressão de que o cômodo era a câmara de recepção de um palácio, mas não tivesse se dado ao trabalho de traçar mais do que um esboço e adicionar poucos detalhes.

O homem que chamava a si mesmo de Bors não sabia onde aquele aposento ficava, nem achava que qualquer um dos outros soubesse. Não gostava de pensar no local onde ele poderia ficar; bastava saber que havia sido convocado. Também não gostava de pensar nisso, mas nem mesmo ele deixaria de comparecer a uma convocação daquelas.

Ajeitou seu manto, grato pelo fato de as chamas não emitirem calor; caso contrário, estaria quente demais para usar a peça de lã preta que ia até o chão. Todas as suas roupas eram pretas. As pesadas dobras do manto escondiam a corcunda falsa que usava para disfarçar a altura e impedir que os outros soubessem se era magro ou robusto. E não era o único ali com o corpo inteiro coberto de tecido.

Ficou observando seus companheiros em silêncio. A paciência marcara grande parte de sua vida. Se esperasse e observasse por tempo suficiente, alguém sempre cometia um erro. A maioria dos homens e mulheres ali talvez tivesse a mesma filosofia: eles observavam e escutavam em silêncio aqueles que precisavam falar. Algumas pessoas não conseguiam esperar ou ficar em silêncio, e acabavam revelando mais do que percebiam.

Serviçais circulavam por entre os convidados. Eram jovens esbeltos, com cabelos dourados, e ofereciam vinho com uma mesura e um sorriso, sem dizer uma palavra. Tanto rapazes quanto moças vestiam calças apertadas e camisas brancas folgadas. Ambos os sexos se moviam com uma graciosidade perturbadora. Cada um parecia idêntico aos demais, como reflexos de um espelho, os rapazes tão belos quanto as garotas. Ele duvidava de sua capacidade de diferenciar uns dos outros, mesmo sendo bom em distinguir e memorizar fisionomias.

Uma garota sorridente, toda vestida de branco, ofereceu-lhe uma bebida da bandeja cheia de taças de cristal que carregava. Ele pegou um copo, mas sem intenção de beber. Se recusasse a oferta, poderia parecer desconfiado ou pior, o que seria mortal naquele lugar, mas era possível colocar qualquer coisa em uma bebida. Decerto alguns de seus companheiros não reclamariam ao ver diminuir o número de rivais na busca por poder, quem quer que fossem os azarados.

Ele se perguntava, distraído, se os serviçais precisariam ser descartados após aquela reunião. *Serviçais ouvem tudo.* Quando a moça com a bandeja se endireitou após uma mesura, os olhos dos dois se encontraram por cima daquele sorriso doce. Olhos inexpressivos. Olhos vazios. Os olhos de uma boneca. Olhos mais mortos que a própria morte.

Um calafrio percorreu seu corpo quando ela se afastou com graça e, antes de se dar conta do que fazia, ele chegou a levar a taça aos lábios. Não foi o que havia sido feito à garota que o apavorou, pelo contrário: toda vez que julgava ter detectado uma fraqueza naqueles a quem agora servia, percebia que haviam se antecipado a seus pensamentos e se livrado da suposta fraqueza com uma precisão implacável, o que o deixava pasmo. Aquilo também o deixava preocupado: sua primeira regra sempre fora procurar por fraquezas, pois toda fraqueza era

uma brecha por onde era possível penetrar, sondar e influenciar. Se seus mestres atuais, os mestres de agora, não tivessem fraquezas…

Franzindo a testa por trás da máscara, ele estudou seus companheiros. Ali, pelo menos, havia muitas fraquezas. O nervosismo traía até mesmo aqueles que tinham bom senso o bastante para segurar a língua. A rigidez com que um se portava, os movimentos bruscos daquela outra ao ajeitar a saia.

Um quarto dos convocados, estimou, não se dera ao trabalho de usar disfarce maior do que as máscaras negras, e suas roupas revelavam muito. Uma mulher de pé diante de uma tapeçaria dourada e carmesim, conversando em voz baixa com uma figura — impossível de identificar se homem ou mulher — vestia um manto cinza com capuz. Ela obviamente escolhera aquele local porque as cores da tapeçaria destacavam sua vestimenta. Chamar a atenção para si fora uma escolha duplamente tola, pois seu vestido escarlate com corpete decotado, para revelar mais carne, e curto demais, para exibir as sandálias douradas, indicava que vinha de Illian e que era uma mulher rica, talvez até mesmo de sangue nobre.

Não muito longe da illianense, estava outra mulher, sozinha e em um silêncio admirável. Tinha um pescoço de cisne e lustrosos cabelos negros que caíam em ondas até abaixo da cintura, e mantinha as costas para a parede de pedra, observando tudo. Não demonstrava nervosismo algum, e sim um sereno autocontrole. Uma postura exemplar, mas que era traída pela pele acobreada e pelo vestido bege de gola alta que deixava somente as mãos à mostra, embora se colasse ao corpo, apenas levemente opaco, de forma a insinuar tudo e não revelar nada. O traje a marcava como membro da nobreza de Arad Doman. E, a menos que o homem que chamava a si mesmo de Bors estivesse completamente equivocado em suas suspeitas, o grande bracelete dourado em seu pulso esquerdo trazia os símbolos de sua Casa. Sabia que deviam ser da Casa dela, pois nenhum descendente do sangue domani abriria mão de seu imenso orgulho para usar os símbolos de outro. Uma atitude mais do que tola.

Um homem vestindo um casaco de Shienar azul-celeste e com colarinho alto passou por ele com um olhar desconfiado, examinando-o da cabeça aos pés pelos buracos dos olhos da máscara. A postura do homem revelava que era um soldado: a posição de seus ombros, a maneira como seu olhar nunca se detinha em um ponto por muito tempo e o modo como sua mão parecia pronta para sacar uma espada que não estava ali: tudo indicava isso. O shienarano não perdeu muito tempo com aquele que chamava a si mesmo de Bors: ombros caídos e costas curvadas não constituíam ameaça.

Aquele que chamava a si mesmo de Bors bufou com desdém quando o shienarano seguiu em frente, com o punho direito cerrado e o olhar distante, já estudando outros pontos em busca de perigo. Ele podia ler todos, perceber suas classes sociais e seus países. Distinguia mercadores e guerreiros, plebeus e nobres. Diferenciava pessoas de Kandor e Cairhien, Saldaea e Ghealdan. De cada nação e de quase todos os povos. Subitamente, franziu o nariz com nojo: havia até mesmo um latoeiro, usando calças verde-claras e um casaco amarelo tão brilhante que seus olhos chegavam a doer. *Quando o Dia chegar, ficaremos muito bem sem* essa gente.

A maioria dos disfarçados não estava em melhor situação, a despeito de seus mantos e capuzes. Sob um manto escuro, ele podia ver as botas enfeitadas em prata de um Grão-lorde de Tear. Teve outro vislumbre de esporas douradas em forma de cabeça de leão, usadas apenas por altos oficiais da guarda da rainha andoriana. Um sujeito magro — magro até mesmo em seu manto negro que se arrastava pelo chão e em seu capuz cinza preso por um alfinete de prata sem adornos — observava das profundezas de seu capuz. Ele podia ser qualquer um, de qualquer lugar… a não ser pela estrela de seis pontas tatuada na pele entre o polegar e o indicador da mão esquerda. Era um homem do Povo do Mar, e uma rápida olhadela em sua mão revelaria as marcas de seu clã e de sua linhagem. O homem que chamava a si mesmo de Bors nem se deu ao trabalho.

Seus olhos se estreitaram de súbito, fixando-se em uma mulher completamente envolta em negro, a não ser pelos dedos. Na mão direita, ela usava um anel de ouro em forma de serpente que engolia a própria cauda. Era uma Aes Sedai, ou pelo menos uma mulher treinada em Tar Valon pelas Aes Sedai: ninguém mais usaria aquele anel. De qualquer maneira, não fazia diferença para ele. Desviou o olhar antes que ela notasse que a observava. Quase imediatamente, avistou outra mulher envolta em preto da cabeça aos pés com um anel da Grande Serpente. Nenhuma das bruxas deu sinal de que conhecia a outra. Elas se sentavam na Torre Branca como aranhas em uma teia, puxando os cordéis que faziam reis e rainhas dançarem, intrometendo-se em todos os assuntos. *Malditas sejam todas, até a morte eterna!* Ele percebeu que rangia os dentes. Se era preciso que os números diminuíssem, o que deveria acontecer antes do Dia, haveria alguns que fariam ainda menos falta que os Latoeiros.

Um carrilhão soou, uma única nota arrepiante que vinha de todos os lugares ao mesmo tempo, silenciando todos os outros sons, como se cortados por uma faca.

As portas altas do outro lado do aposento se abriram, e dois Trollocs entraram, usando cota de malha negra até os joelhos, decorada com ponteiras. Todos recuaram, até mesmo o homem que chamava a si mesmo de Bors.

Com a cabeça e os ombros mais altos que o mais alto dos homens no recinto, os dois eram uma mistura repugnante de homem e animal, com rostos humanos retorcidos e alterados. Um deles tinha um bico grande e pontudo onde deveriam estar a boca e o nariz, e sua cabeça era coberta de penas em vez de cabelos. O outro caminhava sobre cascos, e tinha o rosto repuxado para a frente, formando um focinho peludo, e chifres de bode despontavam acima das orelhas.

Ignorando os humanos, os Trollocs se voltaram para a porta e fizeram uma mesura servil. As penas do primeiro se eriçaram, formando uma crista rígida.

Um Myrddraal passou pela porta entre os dois, que caíram de joelhos. A criatura estava vestida em um tom de preto que fazia a malha dos Trollocs e as máscaras dos humanos parecerem claras, e seus trajes pendiam imóveis, sem sofrerem uma ondulação sequer enquanto ele se movia com a graça de uma víbora.

O homem que chamava a si mesmo de Bors sentiu-se mostrar os dentes, um movimento que era parte rosnado e — ele tinha vergonha de admitir até para si mesmo — parte careta de medo. O Myrddraal estava com o rosto descoberto: sua face pálida e pastosa era de homem, mas faltavam-lhe os olhos, o que o fazia parecer um verme em um túmulo.

O rosto branco e liso se virou, parecendo analisá-los um a um, ao que parecia. Um tremor visível percorreu o ambiente sob o escrutínio daquele olhar sem olhos. Lábios finos e pálidos se contorceram no que poderia ter sido um sorriso quando, um a um, os mascarados tentaram se misturar à multidão, encolhendo-se para evitar aquele rosto. O olhar do Myrddraal fez com que formassem um semicírculo voltado para a porta.

O homem que chamava a si mesmo de Bors engoliu em seco. *Seu dia chegará, Meio-homem. Quando o Grande Senhor das Trevas voltar, escolherá seus novos Senhores do Medo, e você se curvará diante deles.Você se curvará diante dos homens. Diante de mim! Por que não fala? Pare de olhar para mim e fale!*

— Seu Mestre está chegando. — A voz do Myrddraal soava áspera, como a pele seca de uma cobra se desfazendo. — Deitem-se de barriga no chão, vermes! Rastejem, para que seu esplendor não os cegue nem queime!

O ódio tomou conta do homem que chamava a si mesmo de Bors, tanto pelo tom de voz quanto pelas palavras, mas o ar acima do Meio-homem tremeluziu, e o real significado do que dizia foi compreendido. *Não pode ser! Não pode…!*

Os Trollocs já estavam deitados de barriga no chão, contorcendo-se como se quisessem se enterrar.

Sem esperar para conferir se mais alguém se movia, o homem que chamava a si mesmo de Bors se jogou no chão, grunhindo ao bater na pedra e se ferir. Palavras saíam de sua boca como um amuleto contra o perigo — eram, sim, um amuleto, embora um escudo frágil contra o que ele temia — e ele ouviu uma centena de outras vozes, arfantes de medo, falando as mesmas palavras para o chão.

— O Grande Senhor das Trevas é meu Mestre, e eu o servirei de todo o coração, até os últimos resquícios de minha alma. — No fundo de sua mente, uma voz tagarelava, cheia de medo. *O Tenebroso e todos os Abandonados estão presos*... Estremecendo, ele a forçou a se calar. Abandonara aquela voz havia muito tempo. — Meu Mestre é o Mestre da morte. Sem nada pedir, eu sirvo, esperando o dia de sua chegada, mas sirvo na certeza e na esperança da vida eterna. — ... *Presos em Shayol Ghul, presos pelo Criador, no momento da criação. Não, eu sirvo a um mestre diferente agora*. — É certo que os fiéis serão exaltados na terra, exaltados acima dos descrentes, exaltados acima dos tronos. Por ora, sirvo humildemente, aguardando o Dia de seu Retorno. — *A mão do Criador abriga a todos, e a Luz nos protege da Sombra. Não, não! Um mestre diferente.* — Logo chegará o Dia do Retorno. Logo chegará o Grande Senhor das Trevas para nos guiar e governar o mundo para todo o sempre.

O homem que chamava a si mesmo de Bors terminou de enunciar o credo, ofegante como se tivesse corrido dez milhas. O ruído de respiração irregular ao redor indicava que não era o único.

— Levantem-se. Todos vocês, levantem-se.

A voz melíflua o pegou de surpresa. É claro que nenhum de seus companheiros, todos deitados com a barriga no chão e os rostos mascarados colados no piso de cerâmica, teria ousado falar, mas aquela não era a voz que ele esperaria de... Com extrema cautela, levantou a cabeça apenas o suficiente para espiar com um dos olhos.

A figura de um homem flutuava no espaço acima do Myrddraal, com a barra do manto vermelho-sangue pairando a uma braça da cabeça do Meio-homem. A figura também usava uma máscara vermelha. Será que o Grande Senhor das Trevas apareceria a eles como um homem? E mascarado, além de tudo? No entanto, o Myrddraal, com uma expressão de puro terror, tremia e quase se encolhia, à sombra da figura. O homem que chamava a si mesmo de Bors se agarrou a uma resposta que sua mente era capaz de conter sem arrebentar: talvez fosse um dos Abandonados.

O pensamento foi apenas um pouco menos doloroso. Mesmo assim, o fato de um dos Abandonados estar livre indicava que o Dia do Retorno do Tenebroso devia estar próximo. Os Abandonados, treze dos mais poderosos detentores do Poder Único, em uma Era repleta de detentores poderosos, foram presos em Shayol Ghul junto com o Tenebroso, isolados do mundo dos homens pelo Dragão e pelos Cem Companheiros. A energia ricocheteada pelo ato de isolamento maculara a metade masculina da Fonte Verdadeira, e todos os Aes Sedai homens, detentores amaldiçoados do Poder, enlouqueceram e destruíram o mundo, despedaçaram-no como um vaso de cerâmica jogado sobre um leito de rochas, encerrando a Era das Lendas antes de morrerem, apodrecendo ainda vivos. Fora uma morte adequada para um Aes Sedai, em sua opinião. Boa demais para eles. Só lamentou que as mulheres tivessem sido poupadas.

Lenta e dolorosamente, ele forçou o pânico para o fundo da mente, confinou-o e o conteve lá, embora o sentimento lutasse para escapar. Era o melhor que podia fazer. Nenhum dos que estavam deitados de barriga no chão havia se levantado, e apenas alguns haviam ousado levantar a cabeça.

— Levantem-se. — Dessa vez a voz da figura de máscara vermelha soou mais agressiva. Ele fez um gesto com ambas as mãos. — De pé!

O homem que chamava a si mesmo de Bors se levantou depressa, desajeitado, mas hesitou na metade do movimento. As mãos que gesticularam estavam horrivelmente queimadas, com fissuras negras por toda a sua extensão, e a carne crua entre elas era tão vermelha quanto os mantos da figura. *Será que o Tenebroso apareceria desse jeito? Ou mesmo um dos Abandonados?* Os buracos dos olhos daquela máscara vermelho-sangue varreram lentamente o espaço, e ele se endireitou mais do que depressa quando passaram por ele. Sentira o calor de uma fornalha aberta naquele olhar.

Os outros obedeceram à ordem com a mesma falta de jeito e pavor. Quando todos estavam de pé, a figura flutuante falou novamente:

— Sou conhecido por muitos nomes, mas o que vocês devem usar para se referir a mim é Ba'alzamon.

O homem que chamava a si mesmo de Bors cerrou os dentes para impedi-los de baterem. Ba'alzamon. Na língua dos Trollocs, a palavra significava Coração das Trevas, e até mesmo os descrentes sabiam que aquele era o nome que os Trollocs davam para o Grande Senhor das Trevas. Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Aquele não era o verdadeiro nome, Shai'tan, mas ainda assim era proibido. Entre os que estavam ali reunidos e outros de sua espécie, macular qualquer um desses títulos com uma língua humana era blasfêmia. O ar passou

por suas narinas com um assovio, e ele pôde ouvir que os outros ao redor também ofegavam por trás das máscaras. Os serviçais haviam partido, assim como os Trollocs, embora ele não os tivesse visto sair.

— O lugar onde vocês estão fica à sombra de Shayol Ghul.

Mais de um dos presentes no salão gemeu ao ouvir essas palavras, e o homem que chamava a si mesmo de Bors não tinha certeza de que não fora um deles. Um tom do que quase poderia ser chamado de escárnio transpareceu na voz de Ba'alzamon quando ele abriu bem os braços e continuou:

— Não temam, pois o Dia em que seu Mestre dominará o mundo está quase chegando. O Dia do Retorno está próximo. Minha presença aqui, para ser visto por vocês, os poucos escolhidos dentre seus irmãos e irmãs, não é prova disso? Em breve, a Roda do Tempo será quebrada. Em breve, a Grande Serpente morrerá, e, com o poder dessa morte, a morte do próprio Tempo, seu Mestre recriará o mundo à sua imagem e semelhança, nesta Era e em todas as que virão. E aqueles que me servem, fiéis e diligentes, vão se sentar aos meus pés, acima das estrelas no céu, e governarão o mundo dos homens para sempre. Foi isso que prometi, e é assim que será, pela eternidade. Vocês viverão e reinarão para sempre.

Um murmúrio de expectativa percorreu a multidão, e algumas pessoas até chegaram a dar um passo à frente, na direção da figura vermelha flutuante, com os olhos erguidos em êxtase. Até mesmo o homem que chamava a si mesmo de Bors sentiu a atração daquela promessa, a promessa pela qual ele vendera sua alma uma centena de vezes.

— O Dia do Retorno está próximo — continuou Ba'alzamon. — Mas ainda há muito o que fazer. Muito o que fazer.

O ar à esquerda de Ba'alzamon tremeluziu e se adensou, e a figura de um rapaz foi projetada ali, um pouco abaixo do Grande Senhor das Trevas. O homem que chamava a si mesmo de Bors não conseguiu perceber se aquilo era ou não um ser vivo. Era um camponês, a julgar por suas roupas, com um ar levemente matreiro nos olhos castanhos e um sorriso sutil nos lábios, como se estivesse se lembrando de uma peça que pregara ou estivesse na expectativa dela. A pele da figura parecia quente, mas seu peito não se movia com a respiração e seus olhos não piscavam.

O ar à direita de Ba'alzamon bruxuleou como se houvesse uma lufada de ar quente, e uma segunda figura vestida com roupas de camponês surgiu, um pouco abaixo de Ba'alzamon. Era um jovem de cabelos encaracolados, musculoso como um ferreiro. E um detalhe estranho: trazia um machado de batalha pendurado em sua cintura, uma enorme meia-lua de aço com um cabo grosso.

O homem que chamava a si mesmo de Bors se inclinou para a frente de súbito, ao reparar em algo ainda mais estranho. O jovem tinha olhos amarelos.

Pela terceira vez, o ar assumiu a forma de um rapaz, dessa vez logo abaixo dos olhos de Ba'alzamon, quase a seus pés. Um sujeito alto, com olhos que mudavam de cor com a luz, ora acinzentados, ora quase azuis, e cabelos de um tom vermelho-escuro. Outro aldeão ou fazendeiro. O homem que chamava a si mesmo de Bors perdeu o fôlego: havia mais uma coisa fora do comum, embora ele se perguntasse por que deveria esperar que qualquer coisa ali fosse normal. Uma espada de duas mãos pendia do cinturão da figura, uma espada com uma garça de bronze na bainha e outra gravada no longo cabo. *Um* camponês *com uma espada com a marca da garça? Impossível! O que isso significa? E um rapaz com olhos* amarelos. Ele reparou que o Myrddraal encarava as figuras, tremendo, e, a menos que estivesse completamente enganado, o tremor não era mais de medo, e sim de ódio.

Um silêncio sepulcral havia caído sobre o ambiente, um silêncio que Ba'alzamon deixou se prolongar antes de prosseguir:

— Há, agora, alguém que caminha pelo mundo, alguém que foi e que será, mas que ainda não é, o Dragão.

Um murmúrio assustado percorreu a multidão.

— O Dragão Renascido! Devemos matá-lo, Grande Senhor? — Isso veio do homem de Shienar, cuja mão ansiosa buscava a espada que deveria estar pendurada no cinturão.

— Talvez — respondeu Ba'alzamon, simplesmente. — Talvez não. Talvez ele possa servir a meus propósitos. Mais cedo ou mais tarde, é o que acontecerá, nesta Era ou em outra.

O homem que chamava a si mesmo de Bors pestanejou. *Nesta Era ou em outra? Eu achava que o Dia do Retorno estava próximo. O que me importa o que acontecerá em outra Era se eu envelhecer e morrer durante esta?* Mas Ba'alzamon já voltara a falar.

— Uma dobra começa a se formar no Padrão, um de muitos pontos em que aquele que será o Dragão poderá ser trazido para o meu lado. Precisa ser! Melhor que me sirva vivo do que morto, mas, vivo ou morto, ele deve me servir e assim fará! Vocês precisam conhecer estes três, pois cada um é um fio no padrão que *eu* pretendo tecer, e caberá a vocês cuidarem para que eles sejam dispostos de acordo com as minhas ordens. Estudem-nos bem, para serem capazes de reconhecê-los.

Subitamente, o salão ficou em silêncio. O homem que chamava a si mesmo de Bors se mexeu, desconfortável, e viu outras pessoas fazerem o mesmo. Todos,

menos a mulher de Illian, percebeu. Com as mãos abertas sobre o seio, como se para ocultar o busto arredondado, e os olhos arregalados, tanto assustada quanto em êxtase, ela assentia, ansiosa, como se para alguém bem na sua frente. Às vezes, ela parecia responder algo, mas o homem que chamava a si mesmo de Bors não ouvia uma palavra. De repente, ela arqueou as costas e começou a tremer, erguendo-se na ponta dos pés. Ele não entendia como ela não caía, a menos que algo invisível a estivesse segurando. Então, do mesmo modo repentino, ela voltou a ficar de pé e assentiu outra vez, fazendo uma mesura trêmula. No instante em que ela se endireitou, uma das mulheres com anel da Grande Serpente sobressaltou-se e passou a balançar a cabeça de modo afirmativo.

Então cada um ouve suas próprias instruções, e ninguém ouve as do outro. O homem que chamava a si mesmo de Bors gemeu de frustração. Se soubesse as ordens recebidas por uma só pessoa ali, poderia usar a informação em proveito próprio, mas desse jeito… Impaciente, ele esperou pela sua vez, distraindo-se o suficiente para permanecer ereto.

Um a um, os membros da reunião receberam suas ordens, todos em silêncio, mas fornecendo pistas que seriam interessantíssimas caso ele conseguisse decifrá-las. O homem dos Atha'an Miere, o Povo do Mar, enrijeceu-se, relutante, ao assentir. O shienarano mantinha uma postura que deixava transparecer sua confusão, apesar dos gestos de anuência. A segunda mulher de Tar Valon sobressaltou-se, como se levasse um choque, e depois a figura envolta em cinza, cujo sexo ele não conseguia determinar, balançou a cabeça antes de cair de joelhos e assentir vigorosamente. Alguns tiveram as mesmas convulsões que a mulher de Illian, como se fosse a dor que os levantasse e os fizesse ficar nas pontas dos pés.

— Bors.

O homem que chamava a si mesmo de Bors sobressaltou-se quando uma máscara vermelha preencheu seu campo de visão. Ele ainda podia ver o aposento, ainda via a forma flutuante de Ba'alzamon e as três figuras à sua frente, mas, ao mesmo tempo, tudo o que podia enxergar era a máscara vermelha. Zonzo, ele sentiu como se estivessem partindo seu crânio ao meio e espremendo seus olhos para fora da cabeça. Por um momento, achou que podia ver chamas por entre os buracos dos olhos da máscara vermelha.

— Você é fiel… Bors?

O vestígio de sarcasmo da voz ao pronunciar o nome fez com que um calafrio percorresse suas costas.

— Sou fiel, Grande Senhor. Não posso esconder isso do senhor. — *Eu* sou *fiel! Juro!*

— Não, não pode.

A certeza na voz de Ba'alzamon fez sua boca ficar seca, mas ele se obrigou a falar.

— Ordene, Grande Senhor, e eu obedecerei.

— Em primeiro lugar, você deverá retornar a Tarabon e continuar com suas *boas* obras. Na verdade, ordeno que redobre seus esforços.

Ele encarou Ba'alzamon, atônito, mas as chamas voltaram a explodir por trás da máscara, e ele fez uma mesura para ter uma desculpa para desviar os olhos.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será.

— Em segundo lugar, você ficará alerta para o caso de os três rapazes aparecerem e mandará seus seguidores fazerem o mesmo. Esteja avisado: eles são perigosos.

O homem que chamava a si mesmo de Bors olhou de relance para as figuras que flutuavam à frente de Ba'alzamon. *Como poderei fazer isso? Posso vê-los, mas não consigo enxergar nada a não ser o rosto* dele. Sua cabeça parecia prestes a explodir. O suor deixava suas mãos escorregadias sob as luvas finas, e sua camisa grudava nas costas.

— Perigosos, Grande Senhor? Camponeses? Será um deles o…?

— Uma espada é perigosa para o homem que está na outra ponta, mas não para o que segura o cabo. A não ser que o homem com a espada seja tolo, descuidado ou despreparado: nesse caso, o risco é duas vezes maior para ele do que para qualquer outro. Já basta que eu tenha lhe dito para conhecê-los. Já basta que você me obedeça.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será.

— Por último, em relação àqueles que desembarcaram na Ponta de Toman e os domaneses: você não falará sobre isso com ninguém. Quando retornar a Tarabon…

O homem que chamava a si mesmo de Bors percebeu, enquanto ouvia, que estava boquiaberto. As instruções não faziam sentido. *Se soubesse as ordens que alguns dos outros receberam, talvez eu pudesse encaixar as peças.*

De repente, sentiu como se sua cabeça tivesse sido agarrada por uma mão gigante que esmagava suas têmporas e o levantava, e o mundo explodiu em mil fragmentos de estrela, cada clarão de luz se tornando uma imagem que atravessou sua mente ou saiu voando, desaparecendo ao longe antes que ele pudesse absorvê-lo. Um céu impossível, com nuvens listradas, vermelhas, amarelas e pretas, passando depressa, como se carregadas pelo vento mais forte que o mundo já vira. Uma mulher — ou seria uma menina? — vestida de branco adentrou a escuridão e desapareceu tão logo surgiu. Um corvo o olhou nos olhos, *reconhe-*

cendo-o, e sumiu. Um homem de armadura e um elmo brutos, pintados de dourado e na forma de um inseto monstruoso e venenoso, ergueu uma espada e investiu contra algo fora de seu campo de visão. Uma trombeta curva e dourada surgiu velozmente, de muito longe. Ela tocava uma nota dissonante enquanto disparava em sua direção, atraindo sua alma com força. No último instante, ela se acendeu em um anel de luz dourado que passou por ele e o cegou, gelando seu corpo com um frio além da morte. Um lobo saltou das sombras de sua visão perdida e rasgou sua garganta. Ele não conseguiu gritar. A torrente continuou, afogando-o, soterrando-o. Ele mal conseguia se lembrar de quem era ou do que era. Dos céus, chovia fogo, e a lua e as estrelas caíram. Corria sangue nos rios, e os mortos caminhavam. A terra se abriu e rocha derretida começou a jorrar…

O homem que chamava a si mesmo de Bors viu que estava quase agachado em meio à multidão, e a maioria dos olhos se voltava para ele, em silêncio. Para onde quer que olhasse, para cima, para baixo ou em qualquer direção, o rosto mascarado de Ba'alzamon invadia seu campo de visão. As imagens que haviam inundado sua mente estavam se desvanecendo, e ele tinha certeza de que muitas já haviam desaparecido de sua memória. Hesitante, ele se endireitou, com Ba'alzamon sempre à frente.

— Grande Senhor, o quê…?

— Algumas ordens são importantes demais para que sejam conhecidas, mesmo por aquele que as executa.

O homem que chamava a si mesmo de Bors quase dobrou seu corpo em profunda reverência.

— Como ordenar, Grande Senhor — murmurou, rouco. — Assim será.

Quando se endireitou, estava sozinho no silêncio mais uma vez. Outra pessoa, o Grão-lorde de Tairen, assentia e fazia mesuras para alguém que ninguém mais via. O homem que chamava a si mesmo de Bors levou uma das mãos trêmulas à testa, tentando reter um pensamento que invadira sua mente, embora não estivesse inteiramente certo de que queria se lembrar. O último fragmento se desvaneceu, e, de súbito, ele se perguntou o que tentava recordar. *Sei que havia algo, mas o quê? Havia algo! Não havia?* Esfregou as mãos, fazendo uma careta ao sentir o suor sob as luvas, e voltou sua atenção para as três imagens suspensas diante da figura flutuante de Ba'alzamon.

O jovem musculoso de cabelos encaracolados, o fazendeiro com a espada e o rapaz com olhar matreiro. Em sua mente, o homem que chamava a si mesmo de Bors os batizara de Ferreiro, Espadachim e Trapaceiro. *Onde se encaixam no quebra-cabeças?* Eles deviam ser importantes, ou não seriam o principal assunto

da reunião. Mas apenas as ordens que recebera já eram suficientes para causar a morte de todos, e precisava considerar que alguns dos outros, pelo menos, tinham ordens tão letais quanto as dele para os três. *Qual a importância deles?* Os olhos azuis podiam indicar a nobreza de Andor — coisa improvável com aquelas roupas — e havia gente nas Terras da Fronteira com olhos claros, assim como algumas pessoas de Tairen, isso para não mencionar uns poucos de Ghealdan. E, é claro… Não, isso não ajudaria em nada. Mas olhos *amarelos*? *Quem* são eles? O *que são eles?*

Sobressaltou-se ao sentir alguém tocar seu braço, e, quando olhou ao redor, deparou-se com um dos serviçais de branco, um rapaz de pé ao seu lado. Os outros também haviam voltado, em número ainda maior do que antes, um para cada mascarado. Ele piscou. Ba'alzamon havia partido. O Myrddraal também, e no lugar da porta que ele usara antes havia apenas uma parede de pedra. Sentiu-se observado.

— Se for de seu agrado, Lorde Bors, vou levá-lo a seu quarto.

Evitando aqueles olhos mortos, ele examinou rapidamente as três figuras mais uma vez, depois seguiu o serviçal. Incomodado, perguntou-se como o jovem soubera que nome usar. Só depois que as estranhas portas esculpidas se fecharam atrás dele e os dois já tinham dado cerca de dez passos, ele percebeu que estava sozinho no corredor com o serviçal. Suas sobrancelhas se moveram em um gesto de desconfiança por trás da máscara, mas, antes que pudesse abrir a boca, o serviçal falou:

— Os outros também estão sendo levados aos seus quartos, milorde. Se puder me acompanhar, milorde… O tempo é curto, e nosso Mestre está impaciente.

O homem que chamava a si mesmo de Bors rangeu os dentes, tanto com a falta de informação quanto com a sugestão de que ele e o serviçal eram iguais, mas seguiu em silêncio. Apenas um tolo reclamava com um serviçal, e, pior, ao se lembrar dos olhos do sujeito, não tinha certeza de que isso adiantaria. *E como ele sabia o que eu ia perguntar?* O serviçal sorriu.

O homem que chamava a si mesmo de Bors não se sentiu nem um pouco à vontade até estar de volta ao quarto onde havia aguardado ao chegar, e mesmo assim não melhorou muito. Nem mesmo encontrar seus alforjes intocados foi de muito consolo.

O serviçal permaneceu parado no corredor.

— O senhor pode se trocar e usar suas próprias roupas se desejar, milorde. Aqui, ninguém o verá partir ou chegar ao seu destino, mas pode ser melhor chegar adequadamente vestido. Alguém virá em breve para lhe mostrar o caminho.

Intocada por qualquer mão visível, a porta se fechou.

O homem que chamava a si mesmo de Bors estremeceu sem querer. Mais do que depressa, desfez os selos e as fivelas dos alforjes e retirou seu manto. No fundo da mente, uma vozinha se perguntou se o poder prometido e até mesmo a imortalidade valiam outro encontro daqueles, mas ele imediatamente riu para abafá-la. *Para ter tanto poder assim, eu louvaria o Grande Senhor das Trevas sob a Cúpula da Verdade*. Lembrando-se das ordens que Ba'alzamon lhe dera, tocou o sol dourado e flamejante costurado no peito do manto branco e o cajado do pastor vermelho por trás do sol, símbolo de seu posto no mundo dos homens, e quase riu. Havia trabalho, um grande trabalho, a ser feito, tanto em Tarabon quanto na Planície de Almoth.

E há de chegar o dia em que as obras dos homens serão destruídas, e a Sombra cairá sobre o Padrão da Era, e a mão do Tenebroso desabará mais uma vez sobre o mundo dos homens. As mulheres verterão lágrimas, e os homens tremerão quando as nações da Terra forem despedaçadas como trapos. Ninguém se oporá ou lutará.

Mas alguém virá para enfrentar a Sombra, nascido outra vez, como nasceu antes e nascerá novamente, vezes sem-fim. O Dragão Renascerá, e seu retorno será acompanhado de choro e ranger de dentes. Ele cobrirá o povo em cinzas e aniagem e causará uma nova Ruptura do Mundo, destruindo todas as correntes que o prendem. Como a aurora libertadora, ele nos cegará e nos queimará, mas o Dragão Renascido enfrentará a Sombra na Última Batalha, e seu sangue nos trará a Luz. Deixai que as lágrimas escorram, Ó povo do mundo. Chorai por vossa salvação.

(De *O Ciclo de Karaethon,*
As Profecias do Dragão.
Traduzido por Ellaine Marise'idin Alshinn,
Bibliotecária-chefe da Corte de Arafel,
no Ano da Graça de 231
da Nova Era, a Terceira Era)

A Roda do Tempo
O Mar Morto
Aile Dashar
Oceano de Aryth
Bandar Eban
Arad
Doman
Norte
Katar
Cabeça de Toman
Planície de Almoth
Baerlon
Campo de Emond
Falme
Tanchico
Tarabon
Elmora
Johannah
Ghealdan
Amador
Amadícia
Oceano de Aryth
Dedo do Morde-vento
Tremalking
Qaim

Shagol Ghal
a Praga
as Terras Devastadas
Cordilheira de Dhoom
Melkier
Garganta de Tarvin
a Praga
Fal Dara
Shol Arbela
Chachin
Maradon
Planícies das Lanças
KANDOR
ARAFEL
Fal Moran
SHIENAR
Colinas Negras
Tar Valon
Monte do Dragão
Passo de Tangal
Estepes de Caralain
Cairhien
CAIRHIEN
ANDOR
Ponte Branca Quatro Reis
Caemlyn
Aringill
Lugard
MURANDY
Colinas de Kintara
Far Madding
Haddon Mirk
Planície de Maredo
Tear
TEAR
ILLIAN
Godan
as Dedos do Dragão
Rios
Estradas
Cidades
Fronteira
Florestas
Illian
para as Ilhas do Povo do Mar
MAR das TEMPESTADES
Mayene
Cindaking

Capítulo 1

A Chama de Tar Valon

A Roda do Tempo gira, e Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas, depois se desvanecem em mitos e já estão esquecidas há muito tempo quando a Era torna a aparecer. Em uma delas, chamada por alguns de Terceira Era, uma Era ainda por vir e há muito passada, um vento surgiu nas Montanhas de Dhoom. O vento não era o início, pois não existem nem inícios nem fins no girar da Roda do Tempo. Mas era um início.

Nascido entre picos negros e afiados como facas, onde a morte rondava as passagens altas, embora protegido de coisas ainda mais perigosas, o vento soprava para o sul, passando pelo emaranhado que era a floresta da Grande Praga, uma floresta maculada e corrompida pelo toque do Tenebroso. O cheiro doce e nauseante dessa corrupção já havia desaparecido quando o vento atravessou aquela linha invisível que os homens chamam de fronteira de Shienar, onde pendiam flores da primavera, formando grandes cachos nas árvores. O verão já devia ter chegado àquela altura, mas a primavera se atrasara, e a terra se esforçava para recuperar o tempo perdido. Um verde-claro novo nascia em cada arbusto, e brotos vermelhos despontavam de cada galho de árvore. O vento agitava os campos das fazendas que lembravam lagos esverdeados, massas sólidas de colheitas cujo crescimento era quase visível.

O cheiro de morte praticamente havia desaparecido muito antes de o vento atingir a cidade de muralhas de pedra de Fal Dara nas colinas, contornando uma torre da fortaleza bem no centro da cidade, no topo da qual dois homens pareciam dançar. Fal Dara, alta e com grossas muralhas, ao mesmo tempo fortaleza e cidade, jamais ocupada, jamais traída. O vento gemia por entre telhados de

madeira, passando por altas chaminés de pedra e torres ainda mais altas, soando como um cântico fúnebre.

Nu da cintura para cima, Rand al'Thor estremeceu com a carícia fria do vento e flexionou os dedos que envolviam o longo cabo da espada de treinamento. O sol quente deixara seu peito molhado de suor, e seus cabelos vermelho-escuros estavam colados à cabeça, formando um tapete de cachos. Um leve odor trazido pela brisa fez seu nariz se franzir, mas ele não o associou à imagem de um velho túmulo recém-aberto que surgiu em sua mente em um lampejo. Mal se deu conta do cheiro ou da imagem, lutando para manter a mente vazia, mas o outro homem que estava com ele no alto da torre não parava de perturbar o vazio. Com dez passos de extensão, o pátio no alto da torre era cercado por uma muralha com ameias que ia até a altura do peito. Era grande o bastante para uma pessoa, a não ser que compartilhasse o espaço com um Guardião.

Embora fosse bem jovem, Rand era mais alto que a maioria dos homens, mas Lan era tão alto quanto ele e bem mais musculoso, ainda que não tivesse ombros tão largos. Uma estreita faixa de couro trançado impedia que os cabelos compridos do Guardião caíssem em seu rosto anguloso, que parecia feito de pedra. Um rosto sem rugas, como se para negar os fios grisalhos nas têmporas. Apesar do calor e do esforço físico, apenas uma fina camada de suor reluzia nos braços e no peito do homem. Rand estudava os olhos azuis frios de Lan, em busca de algum indício das intenções do Guardião. Parecia que o homem nunca piscava, e a espada de treinamento movia-se com firmeza e tranquilidade em suas mãos enquanto ele passava, com graça, de uma postura a outra.

Com um feixe de ripas finas amarradas em vez de uma lâmina, a espada de treinamento emitia um ruído alto sempre que se chocava com alguma coisa e deixava marcas vermelhas na pele. Rand sabia disso muito bem: três finas linhas vermelhas ardiam em suas costelas, mais uma queimava seu ombro, e foi preciso muito esforço para não ganhar outra. Lan não tinha uma marca sequer.

Conforme aprendera, Rand formou uma única chama em sua mente e se concentrou nela, tentando alimentá-la com toda a sua emoção e paixão, a fim de criar um vazio dentro de si, deixando até mesmo o pensamento de lado. O vazio veio. Como acontecia com frequência nos últimos tempos, não era um vazio perfeito: quando não permanecia a chama, restava ainda uma sensação de luz que agitava aquela quietude. Era o suficiente, mas por pouco. A fria paz do vazio o envolveu, e ele se tornou um com a espada de treinamento, com as pedras lisas sob suas botas e até mesmo com Lan. Tudo era um, e ele se movia sem pensar, entrando no ritmo do Guardião, em sintonia com cada passo e cada movimento.

O vento ficou mais forte outra vez, trazendo o soar dos sinos da cidade. *Alguém ainda está comemorando a chegada tardia da primavera*. O pensamento mundano veio flutuando pelo vazio em ondas de luz, perturbando a quietude, e, como se o Guardião pudesse ler a mente de Rand, a espada de treinamento girou nas mãos de Lan.

Por um longo minuto, o rápido *claque-claque-claque* dos feixes de ripas se chocando preencheu o topo da torre. Rand não tentou atingir o outro homem; ele mal conseguia evitar que os golpes do Guardião o atingissem. Aparando os golpes de Lan no último instante possível, ele foi forçado a recuar. A expressão do homem não se alterou nem por um momento, e a espada de treinamento parecia viva em suas mãos. O golpe lateral do Guardião mudou, em pleno movimento, para uma estocada. Pego de surpresa, Rand recuou, já fazendo uma careta ante a perspectiva do golpe que ele sabia que não conseguiria evitar.

O vento uivou ao atravessar a torre… e o capturou. Foi como se o ar tivesse se solidificado de repente, aprisionando-o em um casulo, empurrando-o para a frente. O tempo e o movimento desaceleraram. Horrorizado, ele viu a espada de treinamento de Lan vir em direção a seu peito. O impacto não foi nem um pouco lento ou suave, e suas costelas rangeram como se tivessem sido atingidas por um martelo. Ele soltou um grunhido, mas o vento não deixou que desviasse. Pelo contrário, empurrou-o ainda mais para a frente. As ripas da espada de treinamento de Lan se vergaram — tão lentamente, pensou Rand — e se estilhaçaram. Pontas afiadas deslizaram em direção ao seu coração, a madeira quebrada rasgando seu peito. Seu corpo foi tomado pela dor, e parecia que sua pele inteira fora rasgada. Ele se sentiu queimar, como se o sol tivesse explodido para fritá-lo como bacon em uma frigideira.

Com um grito, ele se jogou para trás, cambaleando até bater na parede de pedra. Sua mão trêmula tocou os cortes no peito, e ele levantou os dedos ensanguentados diante dos olhos cinzentos, sem conseguir acreditar.

— E que defesa idiota foi essa, pastor? — perguntou Lan, com uma voz rouca. — Você sabe que não deve tentar uma coisa dessas. Ou deveria saber, a menos que tenha esquecido tudo o que tentei ensinar. Você está muito…? — Ele parou de falar quando Rand levantou a cabeça e o encarou.

— O vento. — A boca de Rand estava seca. — Ele… ele me empurrou! Ele… ele estava sólido como uma parede!

O Guardião o estudou em silêncio, depois lhe estendeu a mão. Rand a segurou e se deixou ser levantado.

— Coisas estranhas podem acontecer tão perto da Praga — disse Lan, por fim. No entanto, apesar de toda a neutralidade das palavras, ele parecia preocupado, o que já era estranho por si só. Os Guardiões, guerreiros quase lendários que serviam às Aes Sedai, raramente demonstravam emoções, e Lan demonstrava menos ainda, até mesmo para um Guardião. Ele jogou a espada estilhaçada de lado e se recostou na parede onde estavam as verdadeiras espadas, fora do caminho do treinamento.

— Mas não coisas assim — protestou Rand. Ele foi para o lado do outro homem, agachando-se e recostando-se na pedra. Nessa posição, o muro ficava mais alto do que sua cabeça, o que o protegeria um pouco do vento. Se é que aquilo poderia ser chamado assim. Nunca sentira um vento… tão sólido. — Paz! Talvez isso não aconteça nem mesmo *dentro* da Praga.

— Com alguém como você… — Lan deu de ombros, como se aquilo explicasse tudo. — Quando você vai partir, pastor? Faz um mês que disse que ia embora, e achei que já teria feito isso há duas semanas.

Rand o encarou, surpreso. *Ele está agindo como se nada tivesse acontecido!* Franzindo a testa, deixou a espada de treinamento de lado e levou a sua própria até os joelhos, passando os dedos ao longo do cabo comprido envolto em couro, no qual uma garça de bronze fora gravada. Havia outra garça de bronze na bainha, e mais uma na lâmina, agora embainhada. Ainda achava um pouco estranho ter uma espada, qualquer que fosse, quanto mais uma com a marca de um mestre espadachim. Ele era um fazendeiro de Dois Rios, mas estava bem longe agora. Talvez ficasse longe para sempre. Era um pastor, como seu pai. *Eu* era *um pastor*. *O que sou agora?* E fora seu pai quem lhe dera uma espada com a marca da garça. *Tam* é *meu pai, não importa o que digam.* Ele desejou que seus pensamentos não soassem como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

Mais uma vez, Lan pareceu ler sua mente.

— Nas Terras da Fronteira, pastor, se um homem cria uma criança, essa criança é dele, e ninguém tem o direito de dizer o contrário.

Rand fez cara feia e ignorou as palavras do Guardião. Aquele assunto dizia respeito somente a ele.

— Quero aprender a usar isto. Preciso aprender. — Carregar uma espada com a marca da garça já lhe causara problemas. Nem todos sabiam o que significava ou mesmo a notavam, mas uma espada daquelas, ainda mais nas mãos de um rapaz que mal tinha idade para ser chamado de homem, atraía o tipo errado de atenção. — Nas ocasiões em que não pude fugir, consegui blefar. Nas outras, tive sorte. Mas o que vai acontecer quando eu não puder fugir ou blefar, e minha sorte acabar?

— Você pode vendê-la — respondeu Lan, com cuidado. — Essa lâmina é rara mesmo entre espadas com a marca da garça. Você conseguiria um bom preço por ela.

— Não! — Essa ideia já lhe ocorrera mais de uma vez, mas ele a rejeitou pela mesma razão de sempre, e nesse caso ainda mais rápido por vir de outra pessoa. *Enquanto ela for minha, terei o direito de chamar Tam de pai. Foi ele quem a deu a mim, e ela me garante esse direito*. — Achei que qualquer espada com a marca da garça fosse rara.

Lan o olhou de soslaio.

— Então Tam não lhe contou? Ele devia saber. Talvez não tenha acreditado. Muitos não acreditam. — O homem pegou sua própria espada, quase gêmea da de Rand, a não ser pela ausência da garça, e a desembainhou. A lâmina, levemente curva e com apenas um gume, reluziu prateada na luz do sol.

Era a espada dos reis de Malkier. Lan não tocava nesse assunto, nem gostava que outros falassem a respeito, mas al'Lan Mandragoran era o Lorde das Sete Torres, o Lorde dos Lagos e o Rei não coroado de Malkier. As Sete Torres estavam em ruínas agora, e os Mil Lagos eram um antro de coisas impuras. Malkier fora engolida pela Grande Praga, e somente um dos senhores malkieris ainda estava vivo.

Uns diziam que Lan tornara-se Guardião, vinculando-se a uma Aes Sedai, para buscar a morte na Praga e se juntar aos outros de seu sangue. De fato, Rand vira Lan se pôr em perigo sem parecer levar em conta a própria segurança, mas sabia que o homem se preocupava com a vida e a segurança de Moiraine, a Aes Sedai à qual estava vinculado, muito mais do que consigo. Ele não achava que Lan fosse realmente procurar a morte enquanto Moiraine vivesse.

Examinando sua espada, Lan falou:

— Durante a Guerra da Sombra, o próprio Poder Único foi usado como arma, e armas eram criadas com o Poder Único. Algumas armas *usavam* o Poder Único, eram coisas capazes de destruir uma cidade inteira com um só golpe, arrasando a terra por léguas. É bom que todas tenham sido perdidas na Ruptura, é bom que ninguém lembre como produzi-las. Mas também havia armas mais simples, para aqueles que enfrentavam as espadas dos Myrddraal e de coisas piores que os Senhores do Medo criavam.

"Com o Poder Único, Aes Sedai extraíam da terra ferro e outros metais, para derretê-los e forjá-los. Tudo isso com o Poder. Criaram espadas e também outras armas. Muitas que sobreviveram à Ruptura do Mundo foram destruídas por homens que temiam e odiavam o trabalho de Aes Sedai, enquanto outras desapareceram com os anos. Restaram poucas, e poucos homens entendem o que

elas são. Existem lendas a respeito delas, contos exagerados de espadas que pareciam ter poder próprio. Você já ouviu as histórias dos menestréis, mas a realidade já basta. Falam de lâminas que não se estilhaçam ou quebram e que nunca perdem o fio. Eu já vi homens as afiarem. Fingem que afiam, na verdade, porque não conseguiam acreditar que uma espada não precise ser afiada depois de ser usada. Mas estão apenas desgastando suas pedras de amolar.

"Essas armas foram feitas pelas Aes Sedai, e nunca haverá outras iguais. Quando tudo acabou, a guerra e a Era terminaram juntas, deixando o mundo destruído, com mais mortos a serem enterrados do que gente viva. Os que estavam vivos fugiam, tentando encontrar algum lugar seguro, qualquer que fosse. A cada segundo, uma mulher chorava porque nunca mais veria seu marido ou seus filhos. Quando tudo acabou, as Aes Sedai sobreviventes juraram nunca mais criar uma arma para que um homem matasse outro. Todas as Aes Sedai fizeram esse juramento, e cada uma dessas mulheres tem mantido a promessa. Todas, até mesmo as Vermelhas, que não se importam muito com o que acontece com os homens.

"Uma dessas, uma arma simples, de soldado, se tornou algo mais. — O Guardião voltou a embainhar sua espada com uma expressão cansada, parecendo quase triste, se é que se poderia atribuir algum tipo de emoção àquele homem. — Havia, no entanto, as que foram feitas para senhores generais, com lâminas tão duras que nenhum ferreiro poderia marcá-las, mas que ostentavam uma marca de garça. Essas espadas se tornaram muito procuradas."

De repente, as mãos de Rand se afastaram da espada apoiada em seus joelhos. Ela escorregou para a frente, e ele a agarrou instintivamente antes que ela caísse no piso de pedra.

— Você quer dizer que Aes Sedai fizeram isto? Pensei que estivesse falando da *sua* espada.

— Nem todas as armas com a marca da garça são obra das Aes Sedai. Poucos homens dominam a espada com habilidade suficiente para serem chamados de mestres espadachins e receberem, como recompensa, uma lâmina com a marca da garça. Mesmo assim, não restaram espadas de Aes Sedai o suficiente para que pouco mais de um bando deles carregassem uma. A maioria vem de mestres ferreiros, feitas do melhor aço que os homens podem criar, mas ainda assim forjadas pelas mãos de um homem. Mas essa aí, pastor… Essa deve carregar histórias de três mil anos ou mais.

— Não vou conseguir escapar delas, não é mesmo? — resmungou Rand. O rapaz equilibrou a espada à sua frente, sobre a ponta da bainha: ela não lhe

parecia diferente do que era antes de ele descobrir aquilo. — Outra obra das Aes Sedai.

Mas foi Tam quem me deu. Meu pai *a deu mim*. Ele se recusava a pensar em como um pastor de Dois Rios conseguira uma espada com a marca da garça. Esses pensamentos levavam a lugares perigosos, profundezas que ele não queria explorar.

— Você realmente quer escapar, pastor? Vou perguntar outra vez. Por que ainda não foi embora, então? Por causa da espada? Em cinco anos, eu poderia torná-lo digno dela, fazer de você um mestre espadachim. Você tem punhos rápidos, um bom equilíbrio e não comete o mesmo erro duas vezes. Mas eu não disponho de cinco anos para lhe ensinar, e você não tem cinco anos para aprender. Não tem sequer um ano, e sabe bem disso. Com o conhecimento que tem agora, não vai furar o próprio pé. Você se comporta como se a espada pertencesse à sua cintura, pastor, e a maioria dos valentões nas aldeias vai perceber isso. Mas você já agia dessa forma praticamente desde o dia em que começou a carregá-la. Então por que ainda está aqui?

— Mat e Perrin ainda estão aqui — resmungou Rand. — Eu não quero ir embora antes deles. Eu nunca... Talvez não os veja outra vez por... Por anos, quem sabe? — Ele encostou a cabeça na parede. — Sangue e cinzas! Pelo menos eles só acham que eu sou louco por não voltar para casa com eles. Nynaeve quase sempre me olha como se eu fosse uma criança de seis anos com um joelho esfolado e ela fosse cuidar de tudo. No resto do tempo, parece estar observando um estranho. Um estranho que pode se ofender se ela o encarar por tempo demais. Ela é uma Sabedoria, e acho que nunca teve medo de nada, mas... — Ele sacudiu a cabeça. — E Egwene. Que me queime! Ela sabe por que tenho que ir, mas toda vez que toco no assunto ela me olha de um jeito que faz meu estômago embrulhar, e eu... — Ele fechou os olhos, pressionando o cabo da espada na testa, como se pudesse expulsar seus pensamentos. — Eu queria... Eu queria...

— Você queria que tudo pudesse ser como era antes, pastor? Ou queria que a garota partisse com você em vez de ir para Tar Valon? Você acha que ela vai desistir de se tornar uma Aes Sedai para passar o resto da vida andando por aí? E com você? Talvez, se pedisse a ela do jeito certo, ela até fosse. O amor é uma coisa estranha. — De repente, Lan parecia cansado. — Estranha como nenhuma outra.

— Não. — Era exatamente o que ele desejava, que ela quisesse ir com ele. Abriu os olhos, corrigiu a postura e continuou, com a voz firme. — Não, eu não

deixaria que ela fosse comigo, se ela pedisse. — Ele não faria isso com ela. *Mas, Luz, não seria bom, ainda que só por um instante, se ela dissesse que queria?* — Ela fica teimosa como uma mula quando acha que estou tentando lhe dizer o que fazer, mas ainda posso protegê-la disso. — Rand desejou que Egwene ainda estivesse em sua casa no Campo de Emond, mas toda a esperança se fora no dia em que Moiraine chegara a Dois Rios. — Mesmo que isso signifique que ela vai se tornar uma Aes Sedai!

Pelo canto do olho, o rapaz teve um vislumbre da sobrancelha erguida de Lan e enrubesceu.

— Então é só por isso? Você quer passar o máximo de tempo possível com seus amigos antes que eles partam? É por isso que está perdendo seu tempo? Você sabe o que está atrás de você.

Rand se levantou, zangado.

— Está certo, é por causa de Moiraine. Eu sequer estaria aqui se não fosse por ela, mas ela nem fala mais comigo.

— Você estaria morto se não fosse por ela, pastor — respondeu Lan, em um tom neutro, mas Rand continuou:

— Ela me contou… contou coisas horríveis a meu respeito… — Seus dedos apertaram a espada com tanta força que ficaram brancos. *Contou que vou ficar louco e morrer!* — E de repente nem sequer me dirige duas palavras. Ela age como se eu não tivesse mudado desde o dia em que me encontrou, e isso também parece errado.

— Quer que ela o trate como o que você é?

— Não! Não foi isso o que eu quis dizer. Que me queime, ultimamente já nem sei mais o que quero dizer. Não é isso o que eu quero, mas tenho medo da alternativa. Agora ela foi para algum lugar, desapareceu…

— Eu lhe disse que ela precisa ficar sozinha de vez em quando. Não cabe a você, nem a ninguém, questionar as ações dela.

— … Sem contar a ninguém para onde ia nem quando vai voltar. Sequer falou se voltaria. Ela deve ser capaz de me contar alguma coisa que me ajude, Lan. Qualquer coisa. Ela tem que contar. Se voltar algum dia.

— Ela já voltou, pastor. Voltou ontem à noite. Mas acho que ela já lhe contou tudo o que podia. Dê-se por satisfeito, você aprendeu o que podia com ela. — Lan sacudiu a cabeça e continuou, um pouco brusco: — Mas você certamente não está aprendendo nada enquanto fica aqui parado. Está na hora de trabalharmos um pouco seu equilíbrio. Vamos treinar o movimento de Cortar a Seda, começando pela Garça Atravessando os Juncos. Lembre-se de que essa

forma da Garça é apenas para praticar o equilíbrio: usá-la em uma luta deixará sua guarda aberta. Você pode atacar a partir dela, se esperar o outro homem se mover primeiro, mas jamais conseguirá evitar o golpe dele.

— Ela *precisa* poder me dizer alguma coisa, Lan. Aquele vento... Aquilo não foi natural, não interessa se estamos perto da Praga ou não.

— Garça Atravessando os Juncos, pastor. E atenção aos pulsos.

Um leve soar de trombetas veio do sul, uma fanfarra animada que aumentava cada vez mais, acompanhada pelo dum-dum-DUM-dum dos tambores. Rand e Lan se entreolharam por um momento e, atraídos pela comoção, foram até a muralha da cidade olhar para o sul.

A cidade ficava sobre colinas altas, e o capim ao redor das muralhas fora cortado até a altura dos tornozelos por uma milha, em todas as direções, e a fortaleza ficava na colina mais alta de todas. Do alto da torre, Rand conseguia, por entre chaminés e telhados, ver a floresta. Os homens que tocavam tambores foram os primeiros a aparecer por entre as árvores, uma dezena deles, levantando seus instrumentos enquanto marchavam e girando as baquetas. Em seguida, apareceram os trombeteiros, erguendo as cornetas longas e reluzentes, ainda conduzindo a fanfarra. Àquela distância, Rand não conseguia distinguir a imensa bandeira quadrada que ondulava ao vento atrás deles. Mas Lan soltou um grunhido: o Guardião tinha olhos de águia-das-neves.

Rand olhou de relance para ele, mas o Guardião não disse nada, mantendo os olhos fixos na coluna que emergia da floresta. Homens a cavalo, usando armaduras, saíam por entre as árvores, e as mulheres que os acompanhavam também estavam montadas. Um palanquim com as cortinas baixadas vinha atrás deles, carregado por dois cavalos, um na frente e um atrás, seguido de mais homens montados. Depois vinham fileiras de homens a pé, com lanças erguidas acima da cabeça como se fossem cerdas ou espinhos compridos, e arqueiros com os arcos cruzados sobre os peitos, todos marchando ao som dos tambores. As trombetas voltaram a soar. Como uma serpente musical, a coluna ziguezagueava em direção a Fal Dara.

O vento balançava a bandeira, mais alta que um homem, deixando-a reta para um lado. Como era enorme, agora estava perto o bastante para que Rand a visse com clareza. Estampava um redemoinho de cores que não significava nada para ele, mas no centro havia uma forma semelhante a uma lágrima completamente branca. A respiração ficou presa em sua garganta: era a Chama de Tar Valon.

— Ingtar está com eles. — Lan soou distante. — Está finalmente voltando da caçada. Ficou longe por tempo demais. Será que teve alguma sorte?

— Aes Sedai — sussurrou Rand, quando finalmente conseguiu. Todas aquelas mulheres lá fora… Moiraine também era uma Aes Sedai, mas ele viajara em sua companhia e, apesar de não confiar de todo nela, pelo menos a conhecia. Ou achava que conhecia. Mas ela era apenas uma. Tantas Aes Sedai juntas, aparecendo daquele jeito, era outra coisa. Ele pigarreou para limpar a garganta, mas, ainda assim, a voz saiu rouca. — Por que tantas, Lan? Por que vieram? E com tambores, trombetas e uma bandeira para anunciá-las?

As Aes Sedai eram respeitadas em Shienar, pelo menos pela maioria: o restante as temia respeitosamente. Mas Rand estivera em lugares em que não era assim, onde só havia o medo e, com frequência, o ódio. Onde ele tinha crescido, pelo menos alguns homens falavam das "bruxas de Tar Valon" como se falassem do Tenebroso. Tentou contar as mulheres, mas elas não se mantinham em fileiras ou em qualquer ordem aparente. Conduziam seus cavalos por entre o grupamento para conversar umas com as outras ou com quem quer que estivesse no palanquim. Ele ficou arrepiado. Viajara com Moiraine, conhecera outra Aes Sedai e havia passado a pensar em si mesmo como um homem do mundo. Ninguém jamais saía de Dois Rios, ou quase ninguém, mas ele o fizera. Ele vira coisas que ninguém em Dois Rios jamais tinha visto e também fizera coisas com as quais seus conterrâneos apenas sonhavam, se é que sonhavam. Ele vira uma rainha e conhecera a Filha-herdeira de Andor, enfrentara um Myrddraal e viajara pelos Caminhos, e nada o havia preparado para aquele momento.

— Por que tantas? — sussurrou outra vez.

— O Trono de Amyrlin veio em pessoa. — Lan olhou para Rand com uma expressão tão dura e indecifrável quanto uma rocha. — Suas lições acabaram, pastor. — Então ele fez uma pausa, e Rand quase pensou ter visto uma expressão de pena em seu rosto, o que, é claro, era impossível. — Teria sido melhor para você se já tivesse ido embora na semana passada. — Com isso, o Guardião pegou sua camisa e seguiu escada abaixo para dentro da torre.

Rand tentou umedecer a boca. Olhou para a coluna que se aproximava de Fal Dara como se ela realmente fosse uma serpente, uma víbora mortífera. Os tambores e as trombetas soavam bem alto em seus ouvidos. O Trono de Amyrlin, que comandava as Aes Sedai. *Ela veio por minha causa*. Ele não conseguia pensar em outra razão.

Elas sabiam coisas, tinham informações que poderiam ajudá-lo, ele tinha certeza, mas não se atreveria a pedir nada a qualquer uma delas. Temia que tivessem vindo para amansá-lo. *E também temia que não tivessem*, admitiu, relutante. *Luz, não sei o que me assusta mais*.

A GRANDE CAÇADA

UM DIA HOUVE UMA GUERRA tão definitiva que rompeu o mundo, e no girar da Roda do Tempo o que ficou na memória dos homens virou esteio das lendas. Como a que diz que quando as forças tenebrosas se reerguerem, o poder de combatê-las renascerá em um único homem, o Dragão, que trará de volta a guerra, e, de novo, tudo se fragmentará.

ISBN 978-85-8057-515-6
9 788580 575156
www.intrinseca.com.br

— Eu não queria canalizar o Poder — sussurrou. — Foi um acidente! Luz, não quero nada com isso. Juro que nunca mais vou tocar nele! Juro!

Sobressaltou-se ao perceber que o grupo de Aes Sedai adentrava os portões da cidade. O vento soprava feroz, quase transformando seu suor em gotas de gelo e fazendo as trombetas soarem como gargalhadas zombeteiras. Achou que sentia no ar o cheiro forte de uma tumba aberta. *Será a minha tumba, se eu continuar parado aqui*.

Pegou a camisa, desceu a escada atrapalhado e começou a correr.